O DOCE DE MAMÃO

"Passa-me esse doce Margarida". Não era apenas um pedido mas quase um verso de amor, um poema feito de uma guloseima matinal que inundava de alegria o rosto agora tão envelhecido de Margarida, como a luz branca da manhã inundava a sala de refeições da velha casa residencial que ela vem gerindo com mão de ferro há quase três décadas. Depois que o país se voltou para o empreendedorismo, rapidamente ultrapassados os preconceitos comunitários da Independência, também ela com a ajuda das irmãs decidiu criar o seu próprio negócio, transformando a casa dos pais numa *guest house* de sucesso.

Margarida repetia anualmente a receita, um ritual de amor e prazer que se iniciava logo que chegasse a época do bom mamão que ela escolhia a dedo, ou melhor a dedos, porque todos os dez eram convocados, primeiro para acariciar a pele amarelo alaranjada com pinceladas de verde daquele fruto em forma de seio cheio e

empertigado, e logo depois para o pressionar e apertar, sentir a sua textura branda ceder especialmente nos polegares que se ferravam como duas garras na sua carne ainda não inteiramente amadurecida.

Margarida não cheirava o mamão porque quase nenhum perfume dele se exala, muito menos quando ainda não está sequer maduro. Na verdade o mamão não é pelo cheiro que cativa e nem sequer pelo gosto... uma fatia de mamão precisa de uns quantos pingos de limão para o tornar apetecível. A sua textura macia é no entanto insuperável, uma característica de modéstia que dispensava o perfume e a acidez típica dos outros frutos tropicais que os tornam tão apetecidos. Margarida aprendera, no entanto com a sua mãe que o mamão tão humilde e desprovido se convertia num doce singular e irresistível bastando cortá-lo em cubos, cozê-lo a fogo lento numa panela de barro, adicionar uma certa dose de açúcar e canela, mexer com muito cuidado sempre para o mesmo lado, deixar caramelizar e depois deixá-lo arrefecer deixando-o ganhar aquela contextura grumosa e alaranjada com reflexos aloirados...

"Muito gostas tu desse doce de mamão..."

"É o meu vício Margarida... tu sabes que não tenho muitos..."

"...e a tua fonte de inspiração... afinal quando é que voltas a escrever uma história bonita e já agora, com um fim feliz... como te podes ter contentado com um grande sucesso e depois, nunca mais seres capaz... cansa-me um bocado ver-te sempre aí no pátio, meio perdido a olhar para uma folha de papel cheia de rabiscos...sem continuação..."

"Tens razão, não penses que eu não sofro ainda mais que tu... mas depois que acabei de escrever aquela história é como se estivesse no meio de um deserto sem uma ideia capaz de me dar vida às minhas personagens...achas que é da idade?"

"A idade pode ser desculpa para muita coisa, Onésio, mas não para escrever, então se tu escreveste tantas histórias porque hás-de ficar aí preso e parado nessa história do doce de mamão?"

A verdade é que essa minha grande história tinha começado vinte anos atrás, naquela mesma sala, a luz branca da manhã cedinho coada através das portadas das janelas da velha casa colonial.

Ela tinha chegado no avião daquela manhã, acompanhada do marido que devia ter a mesma idade dela. Dois jovens perto dos trinta anos o que os distanciava de mim pelo menos em outro tanto de idade. Chegou sozinha à sala de refeições e serviu-se de algumas fatias de pão fresco, verteu um pouco de leite e juntou-lhe o café a fumegar que fez uma auréola de espuma na chávena. Com uma faca de sobremesa barrou uma das fatias do pão com manteiga, deu-lhe uma dentada e saboreou-a na boca com um sorvo do café com leite.

"Prove com um pouco deste doce... verá que é muito bom..."

"Obrigada... é doce de quê?"

"De mamão, experimente que é delicioso..."

Ela olhou para mim com um misto de curiosidade e reconhecimento... *"É hóspede aqui? O meu nome é Isabel..."*

Expliquei que era residente ali, sem entrar em detalhes que me pareceram desnecessários, nem lhe disse como me chamava, afinal, tudo quanto pretendia era vê-la inteiramente feliz com o seu pequeno almoço e isso assentava na minha crença inabalável de que tal só era possível com o concurso daquele doce de mamão.

"Não é a nossa primeira vez em Angola, conheço muito bem o mamão, é uma excelente fruta, muito saudável, nunca tinha provado o doce..."

"E então, gostou?"

"Deixe-me saborear... não lhe quero dar uma opinião assim, sem mais nem menos..."

"É muito meticulosa... qual é o seu trabalho, ou o do seu marido...?"

"Trabalhamos juntos... temos cá uns negócios, mas ainda estamos na fase de prospecção... vai correr tudo bem, o início custa sempre, é preciso alinhavar as coisas...."

"Se eu puder ser útil em alguma coisa, disponha..."

"Então o que faz?"

"Escrevo contos... estou sempre a inventar histórias..."

"Que coisa mais inesperada, todas as pessoas que conheço aqui dedicam-se a negócios, isso compensa, escrever histórias?"

"Num certo sentido, digamos que, não material, compensa, senão eu não escreveria, não lhe parece?"

"Não sei que lhe diga, isso me parece um pouco utópico, escrever histórias não é exactamente o que eu chamo de trabalho, isto é, fazer coisas que rendam dinheiro.... não vive disso, pois não?"

Expliquei-lhe algo penalizado que na verdade vivia à conta da residencial da minha mulher, que ela acabara de conhecer na recepção e que nesse momento dava ainda explicações a Jorge, o seu marido sobre os aposentos que iriam ocupar durante algumas semanas. Ela notou algum embaraço da minha parte e adiantou em tom de alguma cumplicidade: *"O casamento é isso, as pessoas completam-se... bom... eu e o Jorge não somos casados... não é importante para nós agora... mas será um dia..."*

"Então que lhe parece o doce de mamão?

"Acho que tenho de provar mais algumas vezes para gostar do modo que o senhor gosta..."

"Não me chame assim... sou o Onésio..."

"Obrigada, Onésio, oh, ali vem o Jorge, Jorge este senhor é o Onésio, o marido da D. Margarida a dona da guest house...."

"O que faz também de si o dono da guest house, o nosso anfitrião..."

Não é bem assim" interrompeu Margarida que entrou de sorriso aberto na sala de refeições... "*o Onésio é escritor, é de facto uma das atracões da residencial, conta as suas histórias ao serão, poderão ouvi-lo muitas vezes, mas não tem nada a ver com o meu trabalho nem com a residencial a não ser morar aqui, como hóspede privativo...*"

"E o mais bem tratado... sabem que este doce de mamão..."

"Onésio! Por favor, os nossos hóspedes já sabem tudo o que precisam para passar connosco estas próximas semanas, será um gosto que se sintam aqui como em vossa casa...apreciem o vosso pequeno almoço, o nosso matabicho...agora se me dão licença..."

Margarida saiu como entrara com o seu andar de cavalo esporeado rodando a saia e voltando aos seus trabalhos de vigilância e de superintendência de todo o pessoal adstrito à pensão residencial que naquelas primeiras horas do dia giravam pelos quartos edificados nas traseiras da casa principal, nas suas tarefas de limpeza e de mudanças de roupa.

"*Eu preferia antes que se sentisse como em minha casa"* deixei escapar num murmúrio que só terá sido ouvido por Isabel já que Jorge se tinha ido aprovisionar de pão e de fruta expostos na vasta cómoda

encostada na parede ao fundo da sala. Não comentou, talvez porque não tivesse entendido bem ou porque o remoque se confundiu com um lamento oriundo de uma qualquer profunda frustração. Por gentileza para comigo limitou-se a dizer: "*É realmente muito agradável o seu doce de mamão...*".

UMA RECEITA DE AMOR

"Onésio, estás-me a ouvir ou estás surdo?"

"Desculpa minha querida... disseste alguma coisa?"

"Os nossos amigos, a Isabel e o Jorge, vão estar cá outra vez, não é uma coisa extraordinária? Já se passaram vinte anos ou mais...".

Apesar dos meus oitenta anos o meu coração começou a bater como se tivesse.... sessenta como quando a conheci? Ou mesmo como um adolescente quando me apaixonei a sério pela primeira vez? Como é que eu podia saber... de tantos amores que vivi posso dizer, com toda a certeza que, como aquele que vivi há vinte anos, nesta mesma casa, nunca tive outro igual.... talvez apenas por ter sido o último...

"Reservaram dois quartos... trazem uma filha...Sílvia... então, não dizes nada?"

"Que queres que te diga... estou tão surpreendido como tu..."

Para ser sincero não estava realmente surpreendido. A verdade mesmo é que sempre esperei, ano após ano pela sua vinda, se alguma admiração podia sentir era apenas porque havia demorado tanto tempo a acontecer.

Fechei os olhos para que a luz solar não interferisse. Dentro da minha cabeça voltou a fazer-se noite e as luzes da cidade a brilhar enquanto a conduzia de regresso à residencial depois de um dia de tantas voltas em que eu fizera o papel do seu mais atencioso e prestimoso motorista. Senti o seu cansaço, o seu desapontamento, todas aquelas reuniões umas atrás das outras não iam exactamente ao encontro da sua ansiedade de atingir as elevadas expectativas que construía para si mesma. As lágrimas vacilavam em desprender-se-lhe dos olhos.

Num movimento instintivo de compreensão, de apoio, sei lá, de carinho, a minha mão voou do volante e foi poisar mansamente sobre a sua, ficando ali colada, como um passarinho nervoso que se tivesse aventurado demais em busca de alimento, aguardando a mínima sacudidela que o enxotasse... mas a sua mão voltou-se, a palma tomou a forma de um ninho abrigando o passarinho tardio que se aninhara entre os seus dedos esguios que se moviam roçando-lhe as penas numa tímida carícia.

Margarida sempre mergulhada na sua faina diária, saindo logo de manhã para as compras diárias, dando voltas aos ficheiros, preparando facturas, conversando com todos os hóspedes para confirmar com os seus próprios olhos que tudo ia bem pois o seu lema era que a melhor propaganda da pensão era um hóspede satisfeito que sempre voltaria, não dera por nada, pelo nosso encontro constante ao pequeno almoço, não vendo nada demais quando era eu a barrar de doce de mamão uma torrada que oferecia a Isabel e por vezes a levava á boca quando a rir dizia que já não queria ou não podia mais.

Pelo contrário, Margarida dizia que eu devia cobrar pelo transporte e pelo tempo, ao fim e ao cabo, embora reconhecendo que o meu trabalho de escrita não estava sujeito a ponto nem a horário, eu não devia gastar tanto tempo na prestação de um serviço que em parte nenhuma do mundo era gratuito.

"A Isabel e o Jorge têm pago o combustível, eu levo um livro para ler e um caderno para ir escrevendo enquanto espero... não me custa nada,

até me ajuda... vou mudando de ambiente, vou vendo pessoas, sempre converso, tenho tido algumas ideias...”

“Espero que tenhas boas ideias, mas vê lá se tens que pagar ainda por cima... quem está a prestar o serviço somos nós, o carro é da residencial... “

“Onésio, eu não sei como agradecer a sua ajuda, não quero de modo nenhum atrapalhar a sua vida... “

“Nada disso Isabel, o que faço é com muito gosto, não atrapalha nada, aliás, eu não tenho nada para fazer... só tenho que escrever e isso depende da inspiração e acredite que nunca tive tanta desde que a conheci... “.

Não estava a inventar nada. De um dia para o outro comecei a escrever como já não me acontecia há muito tempo... Isabel tinha caído na minha rotina como sopa no mel e não foi por acaso que dei por mim a dar como título à minha história “*O doce de mamão*” porque foi a propósito desse doce que eu primeiro me aventurei a dirigir-lhe a palavra e porque ela era como um mamão à espera de ser transformado na mais deliciosa compota ou geleia que a minha fantasia fosse capaz de produzir.

Tudo quanto escrevia era uma repetição por outra forma da receita da Margarida do seu célebre doce, também eu procurava que as minhas mãos percorressem suavemente o corpo de Isabel, os seus braços, os seus pés que eu acariciava e apertava entre os meus dedos,

as minhas mãos subiam pelas suas pernas que experimentavam a pressão regular dos meus polegares avaliando a sua textura branda, depois transportava cada um dos pedaços do seu corpo para a minha cabeça em fogo onde eles giravam à mistura com ideias aromáticas quanto bastassem, até toda ela ganhar a consistência doirada dos seus cabelos descompostos e a doçura do seu sorriso para mim... só para mim.

"Gostava de lhe ler o que escrevi a noite toda, até de madrugada..."

"Não sei se devo, Onésio..."

"Não sabe se deve ouvir? "

"Não sei se devo gostar de ouvir o que não passa duma antecipação dos seus desejos... o que quero dizer-lhe é que... é que não deve ter quaisquer expectativas a meu respeito..."

"Mas eu não tenho expectativas, Isabel, tenho sentimentos, sentimentos sim, que gostaria de poder exprimir, livremente..."

"Pois sim, eu não posso falar por si, mas eu não me sinto bem a ouvir essas suas histórias, eu adoro o Jorge e isto não é correcto..."

"Mas isto é pura ficção, Isabel, como sabe..."

"Não sei, Onésio, nem tudo é ficção, muito do que tem escrito estes dias passou-se efectivamente e o que não se passou sinto que é o que o

Onésio parece pretender a todo o custo que aconteça... mas, por favor, não conte comigo para levar à cena esses seus contos imaginários...”

Mas quem foi que lhe disse que eu estou a encenar o que quer que seja?... não tenho assim tanta pretensão... gostava apenas que visse como o que sinto por si me tem dado asas para voar... estou-lhe grato por isso, não posso de algum modo manifestar o meu agradecimento?

Bem sei que não a convenci com as minhas palavras mas continuei a escrever furiosamente. Se a princípio me animava a ideia de que Isabel iria ler cada uma das linhas e cada uma das palavras que me brotavam do coração, a partir daquele dia em que me confessou que adorava o seu Jorge eu escrevia empenhadamente apenas para me convencer do contrário. Se o adorava como poderia estar feliz comigo e com as minhas carícias que só podiam ser de amor... pois que outro sentimento ditaria semelhantes actos e comportamentos de parte a parte? Se não recusava a minha presença é porque também ela podia estar tão dividida como eu, nos meus sentimentos com a Margarida. Também eu seria capaz de dizer que a adorava e adorava mesmo. Mas como podia ao mesmo tempo ignorar o ritmo alucinado e as batidas inconsequentes do meu pobre coração? Tinha todavia de reconhecer que no caso de Isabel não era nada assim. Nem um músculo seu se movia quando eu lhe beijava as mãos, os pés, as pernas, os cabelos, como se fosse apenas uma estátua de carne, ou um mamão ainda não inteiramente amadurecido que eu não seria capaz de cozinhar.

E, contudo, no meu delírio literário de antecipar a realização dos meus desejos mesmo os mais impossíveis, bati à porta do seu quarto numa tarde quente em que Jorge tinha saído numa deslocação a um subúrbio da cidade. Levava como pretexto o boião dourado com o doce de mamão.

"Onésio, não devia estar aqui..."

"E quem lhe disse que estou? Admita que está a sonhar, como eu também estou a sonhar, apenas quero que me deixe explicar-lhe a receita deste doce de mamão..."

"Onésio, não sonhe por favor..." mas dessa vez eu calei finalmente os seus protestos com um beijo que nem por isso foi diferente de todos os que já lhe tinha dado noutros sonhos naquelas noites agitadas que lia e escrevia sem cessar... o boião soltou-se-me das mãos e o doce derramou-se por todo o lado. Despi Isabel devagarinho e cuidadosamente fui rapando com os dedos o doce derramado passando a cobrir o seu corpo à medida que o ia descobrindo, com aquela geleia dourada, mais docemente não podia ser. Ainda que tudo não passasse de um sonho senti na minha boca um gosto novo no doce de mamão, mais ácido e perfumado, um gosto que nunca mais se repetiu até hoje em que o procuro descrever sem a certeza absoluta de alguma vez o ter realmente experimentado.

Não sabendo distinguir a verdade da ilusão, dediquei-me febrilmente a completar aquela história que quando viu a luz do dia foi um tão grande e maravilhoso sucesso que logo de seguida me encheu de

angústia e amargura, pela certeza, talvez melhor, pelo pressentimento supersticioso que depois daquela história não seria capaz de escrever uma linha decente na vida que fosse digna de ser lida.

Ocorreu-me que poderia ser uma partida do feiticeiro que tudo via e sabia... Pertencia a Paulina, irmã de Margarida e foi esta que me disse que todos ali em casa temiam e respeitavam essa estatueta de madeira negra. Uma vez houvera um roubo na casa... o dinheiro de um hóspede desaparecera sem deixar rasto. Paulina convocara para a sala, ao fim do dia, todos os empregados encarregados da limpeza das habitações da residencial. A figura do feiticeiro parecia ainda mais sinistra porque Paulina acendera uma lamparina que projectava tonalidades incendiárias nos seus misteriosos olhos coloridos como duas contas de coral que ora se poderiam julgar cegos ora que vissem realmente para dentro de nós e para além de nós mesmos. Paulina com a sua voz calma e pausada como se recitasse um texto oratório informou que se o dinheiro não fosse trazido até ao feiticeiro... ela não queria saber quem fora o autor do desvio... o feiticeiro iria ter com ele e não apenas o denunciaria como desgraçaria. "*Que ninguém duvide dos poderes deste feitiço*" asseverou sem levantar a voz na mesma cadência com que contaria um segredo a uma criança. O dinheiro apareceu enrolado aos pés da imagem do feiticeiro... como foi descoberto logo na manhã seguinte. Nunca mais foi preciso convocar os ofícios transcendentais daquela miraculosa figura negra como o carvão rodeado de missangas coloridas.

Apesar de sempre tão atarefada não escapou a Margarida a minha apatia literária depois da publicação do "*Doce de Mamão*" que coincidiu quase com a partida de Jorge e Isabel. Não poucas vezes se chegava a inquietar com a minha imobilidade criativa que parecia agravar-se de dia para dia. Consolava-me a ideia de que aquele "*doce de mamão*" fora tão bom, tão extraordinariamente delicioso que não trocava por toda a abundância de inspiração literária que viesse depois. Preparei-me, pois, para sofrer a minha pena perpétua pelo crime de ter escrito uma obra prima na qual eu me revia, não se passando um dia sem pelo menos acariciar com a ponta dos dedos a capa do meu livro com um corpo de mulher desenhado em silhueta, a branco e negro segurando na mão um boião de vidro resplandecendo o seu conteúdo luminoso e dourado como se este lhe estivesse a revelar o seu destino. Não havia festa ou celebração a que eu tivesse ido durante estes últimos vinte anos que não houvesse uma citação do livro, a leitura de uma passagem mais atrevida ou alucinante, as pessoas lançando-me elogios maldosos, querendo sempre saber o que era ficção ou realidade naquele conto memorável. Dei-me conta de que, apesar da glória que o livro me rendeu ao longo destes últimos vinte anos, tudo isso de bom grado eu trocaria para viver, autêntica e realmente, a cena de amor inventada pela minha imaginação febril, com Isabel e o doce de mamão a escorrer-lhe pelos braços, pelos seios, pelo ventre abaixo, pelas pernas até aos dedos dos pés...que tudo a minha boca insaciável percorreu no mais guloso e mais doce percurso amoroso...

O que nunca me passou pela cabeça foi recorrer ao feiticeiro dos olhos de coral... quando sorvia cada resto de doce de mamão que

ainda sobrasse sobre o corpo branco de Isabel, ainda fui capaz de lhe dizer *"Isabel, ainda que gostasse que isto não fosse um sonho nunca seria capaz de o tornar real... por si, apenas por si..."* e ela limitava-se a soltar uma das suas risadas provocando-me " *e o Onésio não me diz como isso seria possível?"*

Estive quase a dizer-lhe que tudo era possível naquela casa habitada por um feiticeiro tão poderoso capaz de ler qualquer pensamento e transformar o próprio coração de uma mulher... mas não a quis assustar... e limitei-me a perguntar-lhe "*acha que se dependesse de um feitiço a Isabel gostar de mim eu hesitaria?*

A sua resposta veio imediata e certeira: "*O Onésio nunca conquistaria uma mulher que não fosse por mérito próprio... ou estou enganada?"* Preferi responder que por ela prescindia de boa vontade da minha vaidade mas nunca dispensaria a certeza de que ela gostaria de mim pelo que eu era e não pelo artefacto que de mim fizesse o feiticeiro. Tive logo então a clara sensação de que essa resposta selava o meu destino.

VINTE DEGRAUS

Os anos passaram, fui-me contentando com a reedição de alguns dos meus livros cujas pequenas edições se esgotavam de tempos a tempos e iludia os meus leitores acerca da minha inactividade literária. Eu bem tentava recomeçar a escrever mas se era capaz de completar uma frase inicial, o seu desenvolvimento como o de uma frase musical não conseguia passar de uma repetição estéril da mesma ideia ficando a perder de vista a sinfonia de ideias que antes me assaltavam a todo o tempo.

Agora, regressada do passado, Isabel voltava à velha residencial com o seu adorado Jorge e com uma menina que deveria ter os anos que durou a sua ausência... Sentado na sala, reconheci-lhe a voz, o seu riso ao encontro de Margarida, a confusão de vozes, de Jorge, de Sílvia e Margarida..."*Venham, vamos para dentro, o Onésio está lá na sala metido com as suas intermináveis leituras... está velho e cada vez mais teimoso".* Não vou negar que o riso nervoso de Isabel me deixou em pânico, levantei-me como um tonto em busca de uma via de retirada, embora a minha sala, com os seus sofás tão velhos como confortáveis com almofadas forradas de chita colorida onde eu encostava imperturbavelmente a cabeça, respirasse uma placidez permanente em nada comparável com o campo de batalha que de repente a imaginei. Fugi para o corredor e subi a escadaria de madeira que me levou precipitadamente ao andar superior, com o coração a sair pela

boca, a minha respiração alterada. Já lá em cima, no patamar, parei encostado ao corrimão a olhar para baixo como um mamoeiro estéril vergado pela sua desgraça.

"*Ainda agora estava aqui... Onésio, olha quem está aqui*..." foi Margarida dizendo e chamando sem qualquer resposta... "*Não faz mal, vocês vão ter muito tempo de o ver e de lhe falar e recordar...*"

Suspenso no andar de cima sentia-me plantado num mundo infecundo e longínquo do mundo que era agora o andar de baixo, um mundo que eu tinha perdido há vinte anos... não bastaria descer aqueles vinte degraus para voltar atrás no tempo... Isabel que eu tinha desejado tanto estava perdida no meu livro, na minha estante...como eu finalmente a quis e deixei...sim, porque não fui capaz de a desejar com mais paixão...com a loucura suficiente para fazê-la esquecer o seu Jorge por uns instantes enquanto eu tive na mão a poção mágica, o feitiço poderoso para a transformar de planta fria em sarça ardente...

Sim, eu podia tê-la enfeitiçado... mas nunca o faria... porque não seria eu a conquistá-la mas, por ironia do destino para o conseguir, sem a ajuda do feiticeiro negro dos olhos de coral... também não seria eu... como Isabel bem o sabia, parecendo conhecer-me demasiado bem. "*O Onésio é um utópico... gosta de perseguir o impossível...quando o impossível deixa de o ser acaba-se o encanto...*".

Mas, não era nada disso... sabia que a queria realmente e de verdade mas também não a queria infeliz depois... não era o meu desencanto

que eu temia mas o dela e somente o dela... sobretudo depois da sua confissão de amor por Jorge, que me atingiu como uma granada explodindo em todas as direcções deixando desolado e a sangrar o meu cansado coração. Perguntei-me a mim mesmo várias vezes a quem eu queria convencer da minha paixão... renunciar a tudo o que se deseja por amor é uma mentira descarada. Quando se ama não se olha a meios... e eu estava a olhar demais.... ela nunca o saberia... para ela era tudo tão mais simples, tão mais linear... como um cálculo de engenharia que não pode falhar.

Nada é mais terrível do que sentir um dúvida sobre uma opção feita há muito tempo. Com a certeza de que no momento em que revivemos essa dúvida já se passou tempo de mais e não é mais possível emendar nada. Como um velho mamoeiro estéril vergado no alto do corrimão procurava descobrir Isabel no andar de baixo, agarrado à súbita ideia salvadora de que vê-la agora me traria a resignação e a paz comigo mesmo. A minha curiosidade pregou-me uma partida inaudita, pois o que os meus olhos descobriram cá em baixo, vista em *contre-plongée*, foi precisamente a Isabel de vinte anos atrás. Vi-a a travessar a sala, olhar as estatuetas de artesanato, o feitiço de Paulina, e depois vi o seu braço esguio e muito branco, tal como eu o recordava ainda, avançar para a prateleira e retirar um livro que eu tive a imediata certeza de ser "*O Doce de Mamão*".

Maravilhado com aquela sobreposição de planos, agarrei com todas as minhas forças o corrimão da escadaria seguro de que o rés-do-chão funcionava como um *flash back* na minha história. Não podia emendar nada no presente, mas podia fazer tudo o que quisesse no

passado. Fui descendo as escadas devagar com mais medo do recuo no tempo do que por precaução para não tropeçar. A luz branca da manhã inundava a sala em que o pequeno almoço estava preparado e pronto a ser servido. Apenas ela estava sentada à mesa todos os demais tinham ido tratar das acomodações dos hóspedes. Com a simplicidade que lhe recordava, o cabelo curto mesmo assim atado num laço que lhe tornava o rosto mais iluminado, os mesmos olhos escuros e curiosos como os de um esquilo descobrindo as maravilhas da natureza num qualquer bosque da floresta tudo nela me trazia a Isabel da minha memória para aquele momento mágico que noutras circunstâncias eu diria só poder ser obra do misterioso feiticeiro negro de olhos de missanga azul.

"É com certeza a Sílvia, só pode ser, tal e qual como eu recordo a Isabel... a sua mãe".

"Muito prazer, o senhor deve ser o escritor, Onésio , a minha mãe fala muito do senhor... eu não o imaginava assim...."

"Tão velho, não é o que ia dizer?"

"Não me referia propriamente à sua idade... sei que tem oitenta anos... mais quarenta que a minha mãe...

E mais sessenta que a Sílvia, é natural que me ache um Matusalém... mas sabe que, quando escrevo, cada história é como um tapete voador que não só muda de espaço, de latitude e longitude como torna possível recuar no tempo, fazer o que se chama em literatura uma analepse..."

“Pessoalmente estou mais interessada no futuro...”

“ A sua mãe também o estava há vinte anos... e eu fiz-lhe a vontade...o livro que escrevi e que há pouco tinha nas suas mãos...

“O Doce de Mamão”...

Esse mesmo... ele foi escrito ao contrário... não como uma anacronia, um recuo cronológico, mas como uma previsão do futuro... se o ler vai ver que a Sílvia lá se encontra... com outro nome mas isso que importa... foi uma prolepse bem sucedida...”

“Está-me a deixar um pouco confusa...”

“Não era a minha intenção, Sílvia, não imagina o prazer que tenho de a conhecer em carne e osso depois de a ter criado em imaginação, há mais de vinte anos...”

“Podia então ser sua filha nesse romance?

Literariamente, sim, pode dizê-lo... mas nem que fosse realmente minha filha me podia dar mais satisfação que a que agora sinto de ter chegado finalmente a uma certeza... depois de tanto tempo de dúvida...”

“Não entendi...”

"Não é necessário que perceba, Sílvia... na verdade só ao vê-la agora compreendo que a minha opção que já não poderia emendar foi a correcta... "

Barrei uma fatia de pão acabada de sair da torradeira com um pedaço generoso de doce de mamão e levei-a à boca de Sílvia: *"Prove tenho a certeza que vai gostar..."*

Margarida que assomara à sala vinda da copa olhou-nos, as nossas silhuetas recortadas a contraluz, e entendeu subconscientemente o meu gesto paternal como um gesto amoroso antigo, como se estivesse a rever uma velha fotografia que já havia esquecido ou tinha querido esquecer. Mais tarde ganhou coragem para mo dizer:

"Afinal, foi pela Isabel que estiveste apaixonado este tempo todo.... toda a nossa vida uma mentira pegada..."

"Não, isso não é verdade..... não posso negar que quando conheci a Isabel o meu coração bateu mais forte, senti o meu sangue a correr mais rápido pelas artérias e veias, a vontade de escrever, de inventar foi mais poderosa que nunca e isso me inebriou... mas Margarida, estes vinte anos foram tanto de amor por ti como os anos antes de eu a conhecer"

"Queres, então que eu acredite que ela foi apenas a tua adrenalina... a tua droga para escrever... e eu que pensava que te bastava o doce de mamão..."

“Acredita, porque é a pura verdade...”

“Enganaste-me, não tiveste a coragem de me dizer... essa é que é a verdade nua e crua... e agora nunca mais vou saber se o que li nos teus contos aconteceu mesmo...”

“É evidente que não aconteceu...”

“É pouca consolação para mim... o que é que isso me interessa se o que não aconteceu foi exactamente o que tu querias que tivesse acontecido... a tua traição não é menor por teres tudo imaginado...”

“Acho que, pelo menos, mereço o benefício da dúvida, Margarida... não sei nem saberei nunca se tive outra opção, mas limitei-me a comer o doce de mamão... ainda que tivesse escrito o contrário...”.

Naquele mesmo dia despedi-me da pensão... assim, nem cheguei a encontrar a Isabel. A minha idade é um embaraço evidente mas estou confiante que ainda poderei voltar a escrever aquela mesma história agora ao contrário... isto é, começando com o que sei hoje ao chegar ao quarto de Isabel com o doce de mamão... . A menos que Margarida acenda uma luz ao feiticeiro enrolado em missangas de olhos de coral... e lhe peça para eu voltar e parar de escrever!

UMA RECEITA DE AMOR

"Onésio, estás-me a ouvir ou estás surdo?"

"Desculpa minha querida... disseste alguma coisa?"

"Os nossos amigos, a Isabel e o Jorge, vão estar cá outra vez, não é uma coisa extraordinária? Já se passaram vinte anos ou mais...".

Apesar dos meus oitenta anos o meu coração começou a bater como se tivesse.... sessenta como quando a conheci? Ou mesmo como um adolescente quando me apaixonei a sério pela primeira vez? Como é que eu podia saber... de tantos amores que vivi posso dizer, com toda

a certeza que, como aquele que vivi há vinte anos, nesta mesma casa, nunca tive outro igual.... talvez apenas por ter sido o último...

"Reservaram dois quartos... trazem uma filha...Sílvia... então, não dizes nada?"

"Que queres que te diga... estou tão surpreendido como tu..."

Para ser sincero não estava realmente surpreendido. A verdade mesmo é que sempre esperei, ano após ano pela sua vinda, se alguma admiração podia sentir era apenas porque havia demorado tanto tempo a acontecer.

Fechei os olhos para que a luz solar não interferisse. Dentro da minha cabeça voltou a fazer-se noite e as luzes da cidade a brilhar enquanto a conduzia de regresso à residencial depois de um dia de tantas voltas em que eu fizera o papel do seu mais atencioso e prestimoso motorista. Senti o seu cansaço, o seu desapontamento, todas aquelas reuniões umas atrás das outras não iam exactamente ao encontro da sua ansiedade de atingir as elevadas expectativas que construía para si mesma. As lágrimas vacilavam em desprender-se-lhe dos olhos. Num movimento instintivo de compreensão, de apoio, sei lá, de carinho, a minha mão voou do volante e foi poisar mansamente sobre a sua, ficando ali colada, como um passarinho nervoso que se tivesse aventurado demais em busca de alimento, aguardando a mínima sacudidela que o enxotasse... mas a sua mão voltou-se, a palma tomou a forma de um ninho abrigando o passarinho tardio que se aninhara

entre os seus dedos esguios que se moviam roçando-lhe as penas numa tímida carícia.

Margarida sempre mergulhada na sua faina diária, saindo logo de manhã para as compras diárias, dando voltas aos ficheiros, preparando facturas, conversando com todos os hóspedes para confirmar com os seus próprios olhos que tudo ia bem pois o seu lema era que a melhor propaganda da pensão era um hóspede satisfeito que sempre voltaria, não dera por nada, pelo nosso encontro constante ao pequeno almoço, não vendo nada demais quando era eu a barrar de doce de mamão uma torrada que oferecia a Isabel e por vezes a levava á boca quando a rir dizia que já não queria ou não podia mais.

Pelo contrário, Margarida dizia que eu devia cobrar pelo transporte e pelo tempo, ao fim e ao cabo, embora reconhecendo que o meu trabalho de escrita não estava sujeito a ponto nem a horário, eu não devia gastar tanto tempo na prestação de um serviço que em parte nenhuma do mundo era gratuito.

"A Isabel e o Jorge têm pago o combustível, eu levo um livro para ler e um caderno para ir escrevendo enquanto espero... não me custa nada, até me ajuda... vou mudando de ambiente, vou vendo pessoas, sempre converso, tenho tido algumas ideias..."

"Espero que tenhas boas ideias, mas vê lá se tens que pagar ainda por cima... quem está a prestar o serviço somos nós, o carro é da residencial... "

"Onésio, eu não sei como agradecer a sua ajuda, não quero de modo nenhum atrapalhar a sua vida... "

"Nada disso Isabel, o que faço é com muito gosto, não atrapalha nada, aliás, eu não tenho nada para fazer... só tenho que escrever e isso depende da inspiração e acredite que nunca tive tanta desde que a conheci... ".

Não estava a inventar nada. De um dia para o outro comecei a escrever como já não me acontecia há muito tempo... Isabel tinha caído na minha rotina como sopa no mel e não foi por acaso que dei por mim a dar como título à minha história "*O doce de mamão*" porque foi a propósito desse doce que eu primeiro me aventurei a dirigir-lhe a palavra e porque ela era como um mamão à espera de ser transformado na mais deliciosa compota ou geleia que a minha fantasia fosse capaz de produzir.

Tudo quanto escrevia era uma repetição por outra forma da receita da Margarida do seu célebre doce, também eu procurava que as minhas mãos percorressem suavemente o corpo de Isabel, os seus braços, os seus pés que eu acariciava e apertava entre os meus dedos, as minhas mãos subiam pelas suas pernas que experimentavam a pressão regular dos meus polegares avaliando a sua textura branda, depois transportava cada um dos pedaços do seu corpo para a minha cabeça em fogo onde eles giravam à mistura com ideias aromáticas quanto bastassem, até toda ela ganhar a consistência doirada dos

seus cabelos descompostos e a doçura do seu sorriso para mim... só para mim.

"Gostava de lhe ler o que escrevi a noite toda, até de madrugada..."

"Não sei se devo, Onésio..."

"Não sabe se deve ouvir? "

"Não sei se devo gostar de ouvir o que não passa duma antecipação dos seus desejos... o que quero dizer-lhe é que... é que não deve ter quaisquer expectativas a meu respeito..."

"Mas eu não tenho expectativas, Isabel, tenho sentimentos, sentimentos sim, que gostaria de poder exprimir, livremente..."

"Pois sim, eu não posso falar por si, mas eu não me sinto bem a ouvir essas suas histórias, eu adoro o Jorge e isto não é correcto..."

"Mas isto é pura ficção, Isabel, como sabe..."

"Não sei, Onésio, nem tudo é ficção, muito do que tem escrito estes dias passou-se efectivamente e o que não se passou sinto que é o que o Onésio parece pretender a todo o custo que aconteça... mas, por favor, não conte comigo para levar à cena esses seus contos imaginários..."

Mas quem foi que lhe disse que eu estou a encenar o que quer que seja?... não tenho assim tanta pretensão... gostava apenas que visse

como o que sinto por si me tem dado asas para voar... estou-lhe grato por isso, não posso de algum modo manifestar o meu agradecimento?

Bem sei que não a convenci com as minhas palavras mas continuei a escrever furiosamente. Se a princípio me animava a ideia de que Isabel iria ler cada uma das linhas e cada uma das palavras que me brotavam do coração, a partir daquele dia em que me confessou que adorava o seu Jorge eu escrevia empenhadamente apenas para me convencer do contrário. Se o adorava como poderia estar feliz comigo e com as minhas carícias que só podiam ser de amor... pois que outro sentimento ditaria semelhantes actos e comportamentos de parte a parte? Se não recusava a minha presença é porque também ela podia estar tão dividida como eu, nos meus sentimentos com a Margarida. Também eu seria capaz de dizer que a adorava e adorava mesmo. Mas como podia ao mesmo tempo ignorar o ritmo alucinado e as batidas inconsequentes do meu pobre coração? Tinha todavia de reconhecer que no caso de Isabel não era nada assim. Nem um músculo seu se movia quando eu lhe beijava as mãos, os pés, as pernas, os cabelos, como se fosse apenas uma estátua de carne, ou um mamão ainda não inteiramente amadurecido que eu não seria capaz de cozinhar.

E, contudo, no meu delírio literário de antecipar a realização dos meus desejos mesmo os mais impossíveis, bati à porta do seu quarto numa tarde quente em que Jorge tinha saído numa deslocação a um subúrbio da cidade. Levava como pretexto o boião dourado com o doce de mamão.

"Onésio, não devia estar aqui..."

"E quem lhe disse que estou? Admita que está a sonhar, como eu também estou a sonhar, apenas quero que me deixe explicar-lhe a receita deste doce de mamão..."

"Onésio, não sonhe por favor..." mas dessa vez eu calei finalmente os seus protestos com um beijo que nem por isso foi diferente de todos os que já lhe tinha dado noutros sonhos naquelas noites agitadas que lia e escrevia sem cessar... o boião soltou-se-me das mãos e o doce derramou-se por todo o lado. Despi Isabel devagarinho e cuidadosamente fui rapando com os dedos o doce derramado passando a cobrir o seu corpo à medida que o ia descobrindo, com aquela geleia dourada, mais docemente não podia ser. Ainda que tudo não passasse de um sonho senti na minha boca um gosto novo no doce de mamão, mais ácido e perfumado, um gosto que nunca mais se repetiu até hoje em que o procuro descrever sem a certeza absoluta de alguma vez o ter realmente experimentado.

Não sabendo distinguir a verdade da ilusão, dediquei-me febrilmente a completar aquela história que quando viu a luz do dia foi um tão grande e maravilhoso sucesso que logo de seguida me encheu de angústia e amargura, pela certeza, talvez melhor, pelo pressentimento supersticioso que depois daquela história não seria capaz de escrever uma linha decente na vida que fosse digna de ser lida.

Ocorreu-me que poderia ser uma partida do feiticeiro que tudo via e sabia... Pertencia a Paulina, irmã de Margarida e foi esta que me disse que todos ali em casa temiam e respeitavam essa estatueta de madeira negra. Uma vez houvera um roubo na casa... o dinheiro de um hóspede desaparecera sem deixar rasto. Paulina convocara para a sala, ao fim do dia, todos os empregados encarregados da limpeza das habitações da residencial. A figura do feiticeiro parecia ainda mais sinistra porque Paulina acendera uma lamparina que projectava tonalidades incendiárias nos seus misteriosos olhos coloridos como duas contas de coral que ora se poderiam julgar cegos ora que vissem realmente para dentro de nós e para além de nós mesmos. Paulina com a sua voz calma e pausada como se recitasse um texto oratório informou que se o dinheiro não fosse trazido até ao feiticeiro... ela não queria saber quem fora o autor do desvio... o feiticeiro iria ter com ele e não apenas o denunciaria como desgraçaria. "*Que ninguém duvide dos poderes deste feitiço*" asseverou sem levantar a voz na mesma cadência com que contaria um segredo a uma criança. O dinheiro apareceu enrolado aos pés da imagem do feiticeiro... como foi descoberto logo na manhã seguinte. Nunca mais foi preciso convocar os ofícios transcendentais daquela miraculosa figura negra como o carvão rodeado de missangas coloridas.

Apesar de sempre tão atarefada não escapou a Margarida a minha apatia literária depois da publicação do "*Doce de Mamão*" que coincidiu quase com a partida de Jorge e Isabel. Não poucas vezes se chegava a inquietar com a minha imobilidade criativa que parecia agravar-se de dia para dia. Consolava-me a ideia de que aquele "*doce de mamão*" fora tão bom, tão extraordinariamente delicioso que não

trocava por toda a abundância de inspiração literária que viesse depois. Preparei-me, pois, para sofrer a minha pena perpétua pelo crime de ter escrito uma obra prima na qual eu me revia, não se passando um dia sem pelo menos acariciar com a ponta dos dedos a capa do meu livro com um corpo de mulher desenhado em silhueta, a branco e negro segurando na mão um boião de vidro resplandecendo o seu conteúdo luminoso e dourado como se este lhe estivesse a revelar o seu destino. Não havia festa ou celebração a que eu tivesse ido durante estes últimos vinte anos que não houvesse uma citação do livro, a leitura de uma passagem mais atrevida ou alucinante, as pessoas lançando-me elogios maldosos, querendo sempre saber o que era ficção ou realidade naquele conto memorável. Dei-me conta de que, apesar da glória que o livro me rendeu ao longo destes últimos vinte anos, tudo isso de bom grado eu trocaria para viver, autêntica e realmente, a cena de amor inventada pela minha imaginação febril, com Isabel e o doce de mamão a escorrer-lhe pelos braços, pelos seios, pelo ventre abaixo, pelas pernas até aos dedos dos pés...que tudo a minha boca insaciável percorreu no mais guloso e mais doce percurso amoroso...

O que nunca me passou pela cabeça foi recorrer ao feiticeiro dos olhos de coral... quando sorvia cada resto de doce de mamão que ainda sobrasse sobre o corpo branco de Isabel, ainda fui capaz de lhe dizer *"Isabel, ainda que gostasse que isto não fosse um sonho nunca seria capaz de o tornar real... por si, apenas por si..."* e ela limitava-se a soltar uma das suas risadas provocando-me " *e o Onésio não me diz como isso seria possível?"*

Estive quase a dizer-lhe que tudo era possível naquela casa habitada por um feiticeiro tão poderoso capaz de ler qualquer pensamento e transformar o próprio coração de uma mulher... mas não a quis assustar... e limitei-me a perguntar-lhe "*acha que se dependesse de um feitiço a Isabel gostar de mim eu hesitaria?*

A sua resposta veio imediata e certeira: "*O Onésio nunca conquistaria uma mulher que não fosse por mérito próprio... ou estou enganada?*" Preferi responder que por ela prescindia de boa vontade da minha vaidade mas nunca dispensaria a certeza de que ela gostaria de mim pelo que eu era e não pelo artefacto que de mim fizesse o feiticeiro. Tive logo então a clara sensação de que essa resposta selava o meu destino.

VINTE DEGRAUS

Os anos passaram, fui-me contentando com a reedição de alguns dos meus livros cujas pequenas edições se esgotavam de tempos a tempos e assim iludia os meus leitores acerca da minha inactividade literária. Eu bem tentava recomeçar a escrever mas se era capaz de completar uma frase inicial, o seu desenvolvimento como o de uma frase musical não conseguia passar de uma repetição estéril da mesma ideia ficando a perder de vista a sinfonia de ideias que antes me assaltavam a todo o tempo.

Agora, regressada do passado, Isabel voltava à velha residencial com o seu adorado Jorge e com uma menina que deveria ter os anos que durou a sua ausência... Sentado na sala, reconheci-lhe a voz, o seu riso ao encontro de Margarida, a confusão de vozes, de Jorge, de Sílvia e Margarida..."*Venham, vamos para dentro, o Onésio está lá na sala metido com as suas intermináveis leituras... está velho e cada vez mais teimoso".* Não vou negar que o riso nervoso de Isabel me deixou em pânico, levantei-me como um tonto em busca de uma via de retirada, embora a minha sala, com os seus sofás tão velhos como confortáveis com almofadas forradas de chita colorida onde eu encostava imperturbavelmente a cabeça, respirasse uma placidez permanente em nada comparável com o campo de batalha que de repente a imaginei. Fugi para o corredor e subi a escadaria de madeira que me levou precipitadamente ao andar superior, com o coração a sair pela boca, a minha respiração alterada. Já lá em cima, no patamar, parei encostado ao corrimão a olhar para baixo como um mamoeiro estéril vergado pela sua desgraça.

"*Ainda agora estava aqui... Onésio, olha quem está aqui...*" foi dizendo Margarida e chamando sem qualquer resposta... "*Não faz mal, vocês vão ter muito tempo de o ver e de lhe falar e recordar...*"

Suspenso no andar de cima sentia-me plantado num mundo infecundo e longínquo do mundo que era agora o andar de baixo, um mundo que eu tinha perdido há vinte anos... não bastaria descer aqueles vinte degraus para voltar atrás no tempo... Isabel que eu tinha desejado tanto estava perdida no meu livro, na minha estante...como eu finalmente a quis e deixei...sim, porque não fui capaz de a desejar com mais paixão...com a loucura suficiente para fazê-la esquecer o seu Jorge por uns instantes enquanto eu tive na mão a poção mágica, o feitiço poderoso para a transformar de planta fria em sarça ardente...

Sim, eu podia tê-la enfeitiçado... mas nunca o faria... porque não seria eu a conquistá-la mas, por ironia do destino para o conseguir, sem a ajuda do feiticeiro negro dos olhos de coral... também não seria eu... como Isabel bem o sabia, parecendo conhecer-me demasiado bem. "*O Onésio é um utópico... gosta de perseguir o impossível...quando o impossível deixa de o ser acaba-se o encanto...*".

Mas, não era nada disso... sabia que a queria realmente e de verdade mas também não a queria infeliz depois... não era o meu desencanto que eu temia mas o dela e somente o dela... sobretudo depois da sua confissão de amor por Jorge, que me atingiu como uma granada explodindo em todas as direcções deixando desolado e a sangrar o meu cansado coração. Perguntei-me a mim mesmo várias vezes a

quem eu queria convencer da minha paixão... renunciar a tudo o que se deseja por amor é uma mentira descarada. Quando se ama não se olha a meios... e eu estava a olhar demais.... ela nunca o saberia... para ela era tudo tão mais simples, tão mais linear... como um cálculo de engenharia que não pode falhar.

Nada é mais terrível do que sentir um dúvida sobre uma opção feita há muito tempo. Com a certeza de que no momento em que revivemos essa dúvida já se passou tempo de mais e não é mais possível emendar nada. Como um velho mamoeiro estéril vergado no alto do corrimão procurava descobrir Isabel no andar de baixo, agarrado à súbita ideia salvadora de que vê-la agora me traria a resignação e a paz comigo mesmo. A minha curiosidade pregou-me uma partida inaudita, pois o que os meus olhos descobriram cá em baixo, vista em *contre-plongée*, foi precisamente a Isabel de vinte anos atrás. Vi-a a travessar a sala, olhar as estatuetas de artesanato, o feitiço de Paulina, e depois vi o seu braço esguio e muito branco, tal como eu o recordava ainda, avançar para a prateleira e retirar um livro que eu tive a imediata certeza de ser "*O Doce de Mamão*".

Maravilhado com aquela sobreposição de planos, agarrei com todas as minhas forças o corrimão da escadaria seguro de que o rés-do-chão funcionava como um *flash back* na minha história. Não podia emendar nada no presente, mas podia fazer tudo o que quisesse no passado. Fui descendo as escadas devagar com mais medo do recuo no tempo do que por precaução para não tropeçar. A luz branca da manhã inundava a sala em que o pequeno almoço estava preparado e pronto a ser servido. Apenas ela estava sentada à mesa todos os

demais tinham ido tratar das acomodações dos hóspedes. Com a simplicidade que lhe recordava, o cabelo curto mesmo assim atado num laço que lhe tornava o rosto mais iluminado, os mesmos olhos escuros e curiosos como os de um esquilo descobrindo as maravilhas da natureza num qualquer bosque da floresta tudo nela me trazia a Isabel da minha memória para aquele momento mágico que noutras circunstâncias eu diria só poder ser obra do misterioso feiticeiro negro de olhos de missanga azul.

"É com certeza a Sílvia, só pode ser, tal e qual como eu recordo a Isabel... a sua mãe".

"Muito prazer, o senhor deve ser o escritor, Onésio , a minha mãe fala muito do senhor... eu não o imaginava assim...."

"Tão velho, não é o que ia dizer?"

"Não me referia propriamente à sua idade... sei que tem oitenta anos... mais quarenta que a minha mãe...

E mais sessenta que a Sílvia, é natural que me ache um Matusalém... mas sabe que, quando escrevo, cada história é como um tapete voador que não só muda de espaço, de latitude e longitude como torna possível recuar no tempo, fazer o que se chama em literatura uma analepse..."

"Pessoalmente estou mais interessada no futuro..."

“ A sua mãe também o estava há vinte anos... e eu fiz-lhe a vontade...o livro que escrevi e que há pouco tinha nas suas mãos...

“O Doce de Mamão”...

Esse mesmo... ele foi escrito ao contrário... não como uma anacronia, um recuo cronológico, mas como uma previsão do futuro... se o ler vai ver que a Sílvia lá se encontra... com outro nome mas isso que importa... foi uma prolepse bem sucedida...”

“Está-me a deixar um pouco confusa...”

“Não era a minha intenção, Sílvia, não imagina o prazer que tenho de a conhecer em carne e osso depois de a ter criado em imaginação, há mais de vinte anos...”

“Podia então ser sua filha nesse romance?

Literariamente, sim, pode dizê-lo... mas nem que fosse realmente minha filha me podia dar mais satisfação que a que agora sinto de ter chegado finalmente a uma certeza... depois de tanto tempo de dúvida...”

“Não entendi...”

“Não é necessário que perceba, Sílvia... na verdade só ao vê-la agora compreendo que a minha opção que já não poderia emendar foi a correcta... “

Barrei uma fatia de pão acabada de sair da torradeira com um pedaço generoso de doce de mamão e levei-a à boca de Sílvia: *"Prove tenho a certeza que vai gostar..."*

Margarida que assomara à sala vinda da copa olhou-nos, as nossas silhuetas recortadas a contraluz, e entendeu subconscientemente o meu gesto paternal como um gesto amoroso antigo, como se estivesse a rever uma velha fotografia que já havia esquecido ou tinha querido esquecer. Mais tarde ganhou coragem para mo dizer:

"Afinal, foi pela Isabel que estiveste apaixonado este tempo todo.... toda a nossa vida uma mentira pegada..."

"Não, isso não é verdade..... não posso negar que quando conheci a Isabel o meu coração bateu mais forte, senti o meu sangue a correr mais rápido pelas artérias e veias, a vontade de escrever, de inventar foi mais poderosa que nunca e isso me inebriou... mas Margarida, estes vinte anos foram tanto de amor por ti como os anos antes de eu a conhecer"

"Queres, então que eu acredite que ela foi apenas a tua adrenalina... a tua droga para escrever... e eu que pensava que te bastava o doce de mamão..."

"Acredita, porque é a pura verdade..."

"Enganaste-me, não tiveste a coragem de me dizer... essa é que é a verdade nua e crua... e agora nunca mais vou saber se o que li nos teus contos aconteceu mesmo..."

"É evidente que não aconteceu..."

"É pouca consolação para mim... o que é que isso me interessa se o que não aconteceu foi exactamente o que tu querias que tivesse acontecido... a tua traição não é menor por teres imaginado tudo..."

"Acho que, pelo menos, mereço o benefício da dúvida, Margarida... não sei nem saberei nunca se tive outra opção, mas limitei-me a comer o doce de mamão... ainda que tivesse escrito o contrário...".

Naquele mesmo dia despedi-me da pensão... assim, nem cheguei a encontrar a Isabel. A minha idade é um embaraço evidente mas estou confiante que ainda poderei voltar a escrever aquela mesma história agora ao contrário... isto é, começando com o que sei hoje, ao chegar ao quarto de Isabel com o doce de mamão... . A menos que Margarida acenda uma luz ao feiticeiro enrolado em missangas de olhos de coral... e lhe peça para eu voltar e parar de escrever!